

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 13, número 1 (2022)
ISSN: 2177-2886

Artigo

Mapeando as Experiências Espaciais de Homens Cis Gays: Das Situações de Opressão ao Alívio

*Mapeo de las Experiencias Espaciales de los Hombres
Cis Gays: De Las Situaciones de Opresión al
Desahogo*

*Mapping Spatial Experiences of Cis Gay Men: From
Situations of Oppression to Relief*

William Hanke

Universidade Estadual de Ponta Grossa – Brasil
hankegete@gmail.com

Marcio Jose Ornat

Universidade Estadual de Ponta Grossa – Brasil
geogenero@gmail.com

Maria Rodó-de-Zárate

Universidade Autônoma de Barcelona - Espanha
maria.rodz.zarate@gmail.com

Como citar este artigo:

MANCHINERY, Alessand; ALMEILVA, Adnde;
MANCHINERY, Alessand. Mapeando as
Experiências Espaciais de Homens Cis Gays: Das
Situações de Opressão ao Alívio. **Revista Latino
Americana de Geografia e Gênero**, v. 13, n. 1, p. 28-
51, 2022. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Mapeando as Experiências Espaciais de Homens Cis Gays: Das Situações de Opressão ao Alívio

Mapeo de las Experiencias Espaciales de los Hombres Cis Gays: De Las Situaciones de Oposición al Desahogo

Mapping Spatial Experiences of Cis Gay Men: From Situations of Oppression to Relief

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar as significações das experiências espaciais de homens cis gays na cidade de Ponta Grossa, Paraná. A partir da análise interseccional de diferentes elementos identitários, como renda, sexualidade, religiosidade e racialidade, pudemos identificar situações de opressão ao alívio, em suas experiências que foram representadas, por meio dos seus Relief Maps. Através da perspectiva da interseccionalidade e da ferramenta metodológica chamada Relief Maps, apresentamos como foram elaborados os mapas produzidos pelos sujeitos, os resultados de suas vivências espaciais cotidianas e experiências através dos elementos identitários citados acima. Os resultados apontaram para certas hegemonias identitárias em determinados espaços de uso comum, produzindo níveis de opressão ao alívio em suas vidas. Espaços como a casa própria foram evidenciados como espaços de conforto; a igreja, como um espaço controverso de suas vivências; e a escola, como um espaço de opressão, sobre uma ou mais identidades.

Palavras-Chave: Relief Maps. Interseccionalidade. Gays. Sexualidade. Espaço.

Resumen

Ese artículo tiene como objetivo analizar los significados de las experiencias espaciales de hombres cis gays en la ciudad de Ponta Grossa, Paraná. A partir del análisis interseccional de diferentes elementos identitarios como clase, sexualidad, religiosidad y racialidad, pudimos identificar situaciones de oposición al desahogo, en sus vivencias que fueron representadas, por medio de sus Relief Maps. A través de la perspectiva de la interseccionalidad y de la herramienta metodológica denominada Relief Maps, presentamos cómo fueron elaborados los mapas desarrollados por los sujetos, los resultados de sus experiencias espaciales cotidianas y las vivencias a través de los elementos identitarios mencionados anteriormente. Los resultados evidenciaron ciertas hegemonías identitarias en determinados espacios de uso común, produciendo niveles de opresión y desahogo en sus vidas. Se destacaron espacios como la propia casa como espacios de confort, la iglesia, como espacio polémico por sus vivencias y la escuela, como espacio de opresión sobre una o más identidades.

Palabras-Clave: Relief Maps. Interseccionalidad. Homosexuales. Sexualidad. Espacio.

William Hanke Marcio Jose Ornat Maria Rodó-de-Zárate



Abstract

This article aims to analyze the meanings of the spatial experiences of cis gay men in the city of Ponta Grossa, Paraná. From the intersectional analysis of different identity elements such as income, sexuality, religiosity and racial aspects, we could identify from situations of oppression to relief in their experiences that were represented through their Relief Maps. By employing the perspective of intersectionality and the methodological tool called Relief Maps, we present how the maps produced by the subjects were elaborated, the results of their daily spatial experiences and other experiences through the identity elements mentioned above. The results pointed to certain identity hegemonies in certain spaces of common use, producing levels of oppression and relief in their lives. Spaces such as their own home were evidenced as spaces of comfort, the church as a controversial space of their experiences, and the school as a space of oppression over one or more identities.

Keywords: Relief Maps. Intersectionality. Gays. Sexuality. Space.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo analisar as significações das experiências espaciais de homens cis gays, na cidade de Ponta Grossa, no Paraná. A partir da análise interseccional de diferentes elementos identitários, como renda, sexualidade, religiosidade e racialidade, pudemos identificar situações de opressão ao alívio em suas experiências, que foram representadas através dos seus *Relief Maps*¹.

Todavia, antes de falarmos sobre o desenvolvimento da pesquisa, argumentamos sobre o porquê do uso “homem cis gay”, em vez de apenas “gay”, nesse artigo. Inicialmente, porque existem muitas pessoas que se identificam com a palavra gay, enquanto que, a adição da palavra “homem” se deve ao fato de que as pessoas que participaram desta pesquisa correspondem à identidade de gênero masculina e à orientação sexual homossexual. Assim como a palavra “cisgênero” (cis), que é o termo utilizado para se referir ao indivíduo que se identifica com os aspectos do sexo biológico com o qual nasceu.

Esse trabalho é fruto do resultado de entrevistas com oito pessoas, que se autoidentificam enquanto homens cis gays, com idades entre 19 e 33 anos. Sobre suas identidades, sete dos entrevistados se consideram brancos e um negro, segundo a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

No tocante à classe de renda, todos os sujeitos evidenciaram ser de classe de renda baixa e intermediária, tendo por referência o IBGE, Censo 2010. Todos os participantes dessa pesquisa se declaram homossexuais. Por fim, sobre o eixo identitário da religião ou não, tivemos o seguinte resultado: um se considera mórmon, três evangélicos, três católicos e, ainda, um é ateu.

Posto isso, o artigo está estruturado em dois momentos de discussão. Primeiramente, corresponde a um diálogo entre o conceito de

1 Na tradução livre, a palavra em inglês Relief Maps tem duplo sentido, ora sendo mapas de alívio, e ora, mapas de relevo. Isso porque a construção desses mapas está vinculada, tanto na produção de alívios quanto de opressões, criando formas de relevo (vales e colinas), respectivamente em suas representações (RODÓ-DE-ZÁRATE, 2013a: 1-32).

interseccionalidade e a ferramenta metodológica chamada de *Relief Maps*. Em segundo, apresentamos os oito *Relief Maps*, desenvolvidos pelos próprios entrevistados e suas diferentes experiências interseccionais, em espaços de seus cotidianos. Além disso, também evidenciamos a proposta metodológica dos *Relief Maps*, desenvolvida por Rodó-de-Zárate (2013a).

O Conceito de Interseccionalidade e a Ferramenta Metodológica *Relief Maps*

Nesse primeiro momento de discussão, abordamos uma reflexão sobre o conceito de interseccionalidade e a ferramenta metodológica *Relief Maps*. Para compreendermos como a interseccionalidade permeia a vida cotidiana e espacial dos homens cis gays, temos que rever um outro conceito que acreditamos ser de fundamental importância para seu entendimento: a identidade.

Esse conceito possui muitas ramificações e compreensões distintas, porém, uma das que consideramos ser de relevância é de Castells (1999, p. 22), o qual argumenta que "a identidade pode ser entendida como a construção de significados, com base em atributos culturais ou ainda, conjuntos de atributos inter-relacionados, os quais prevalecem outras formas de significados". Os significados, por sua vez, são aquilo que passamos a atribuir sobre uma determinada identidade, uma identificação simbólica, por parte do próprio ator social.

Nesse sentido, começamos a repensar as significações que foram e são feitas sobre determinados elementos identitários, sobre os próprios sujeitos, como é o caso dos gays. Isso nos faz pensar sobre quem são as pessoas que as significam, como também para qual propósito suas significações são pensadas. Para Sánchez (2006), as significações passam a ser relações de explorações de papéis, jogo de poder, formações hegemônicas, mas também de resistência e de encontro dos diferentes. Ao analisarmos as discussões feitas sobre identidade, evidencia-se que a diferença fez e faz parte do processo de identificação e da própria identidade. Ou seja, eu me identifico com determinado elemento identitário quando eu passo a fazer parte de um grupo social que se diferencia de outro, seja por características físicas e/ou culturais. Sobre isso, Sánchez (2006) discute que a identidade passa a ser entendida, também, enquanto um processo moldado de forças políticas, econômicas e culturais.

Para Woodward (2000), algumas dessas diferenças têm maior importância em determinados momentos e lugares, como pudemos observar na obra foucaultiana "História da sexualidade". No livro, Foucault (1988) traz um pensamento crítico e histórico sobre a sexualidade, e como esse elemento identitário passa a agir por regramentos e relações de poder. Para o autor, a sexualidade vem sendo oprimida, desde quando há uma significação do que é certo e errado, normal e anormal. Corroborando com Foucault, Louro (2009) argumenta que é no final do século XIX, que surge o sujeito homossexual, ressaltando que não é que não existiam pessoas homossexuais ou relações afetivas entre pessoas do mesmo sexo, mas que estas não eram compreendidas ou nomeadas como homossexualidade. Para a autora, é a partir da definição de um sujeito homossexual que suas significações passaram a ter outro sentido. Estas possibilitaram indicar uma outra forma de significar pessoas, um novo perfil de ser humano, ou ainda, uma nova identidade. Dessa forma, Silva

(2000) discute que a identidade e suas diferenças não são tão castas assim, mas que também proporcionaram relações de poder.

Então, no final do século XX, temos algumas mudanças significativas no pensar sobre o conceito de identidade, que transformaram a compreensão de identidades fixas nos seres humanos, o que Hall (2011) denomina como deslocamento ou descentralização do indivíduo. Para o autor, essas concepções são desenvolvidas, pelo menos, por três tipos de sujeitos: o sujeito do iluminismo, o sociológico e o pós-moderno. O sujeito do iluminismo possui uma identidade individualista e centrada em si, o sociológico possuiria um núcleo interno, resultado de suas várias vivências sociais e, podemos dizer, espaciais. Ainda, Hall (2011) nos apresenta o sujeito pós-moderno, como uma unidade, mas que passa a estar em constantes transformações identitárias. A partir disso, a identidade passa a ser compreendida não mais como uma única forma de compreensão identitária, mas composta por vários elementos.

Portanto, reiteramos as discussões do conceito de interseccionalidade, que começa a ser introduzido no campo científico no final da década de 1980 e início de 1990. Chamamos a atenção para uma das consideradas precursoras desse conceito, Kimberlé W. Crenshaw (1991). Essa autora buscou compreender a relação entre racialidade e gênero sobre mulheres negras, revelando, assim, uma crítica aos estudos feministas da época, que eram sustentados por uma produção branca, heterossexual e de classe média, como aponta a autora. Para Crenshaw (1991), priorizava-se o elemento identitário da mulher, esquecendo as demais facetas, como a racialidade, sexualidade e classe de renda.

Então, a partir de críticas de identidades únicas e fixas, outros trabalhos começaram a questionar as posições e os níveis de opressões, através de outras conexões identitárias, além do gênero, na análise científica. Sobre essa ótica, compreendemos que os homens cis gays são compostos por múltiplas facetas identitárias, além da sexualidade, o que pode diferenciá-los de uma homogeneidade de grupo ou de uma identidade única. Contudo, ressaltamos a importância da identificação da homossexualidade enquanto grupo frente a uma escala macro, no mundo bipolar entre heterossexuais e homossexuais. Mas isso não quer dizer que essas pessoas não tenham suas especificidades e, tampouco, que essa bipolaridade não seja transgredida por outras configurações de seres humanos, afinal, a sexualidade é diversa.

Para Valentine (2007), a interseccionalidade é analisada na forma em que o indivíduo fica em uma encruzilhada por feixes identitários. Já, para Silva e Silva (2014), a metáfora da intersecção nos permite imaginar uma variação entre os eixos identitários. Eles possuem distinções específicas, ou seja, uma opressão sobre um determinado eixo identitário não pode ser equiparada a uma outra opressão, de outra categoria identitária. Assim, a interseccionalidade é vista e compreendida como um entrecruzamento de categorias identitárias, mas que também são analíticas, a partir das relações sociais que se estabelecem entre elas, como a opressão, a discriminação, dominação e até mesmo a aproximação. Há, então, uma inter-relação entre elas.

Sobre os processos de dominação, temos o trabalho de Ruddick (1996), o qual trata da construção de diferentes espaços públicos, a partir da racialidade, gênero e classe, como formas de sistemas de bloqueio para alguns tipos de pessoas. Entretanto, Silva e Silva (2014) argumentam que a compreensão desse

conceito não pode ser entendida como uma soma entre diferentes eixos de opressão, mas sim como um emaranhado de inter-relações a partir das experiências vividas por cada sujeito. Portanto, as múltiplas relações são complexas e variadas, de acordo com a realidade de cada pessoa.

Em nossa pesquisa, poderíamos ter outras configurações de relações espaciais, caso analisássemos outros sujeitos com outras identidades, o que resultaria em outros *Relief Maps*. Rodó-de-Zárate (2013a) argumenta sobre a importância de se trabalhar com a interseccionalidade e o seu papel para com o feminismo, permitindo uma teorização sobre múltiplas e interseccionais opressões. Para a autora, o conceito de interseccionalidade nos auxilia na compreensão complexa de se trabalhar com as diferentes dinâmicas entre as relações sociais e as estruturas de poder. Por sua complexidade e pela necessidade de metodologias que dessem conta de analisar especificamente resultados de forma interseccional, Maria Rodó-de-Zárate (2013a) se propôs a construir um instrumento que pudesse ser uma possibilidade de análise entre diferentes identidades e as relações de poder sobre um mesmo indivíduo, tudo isto de forma visual. Cria-se e denomina-se, então, o *Relief Maps*.

A construção desses mapas tem por objetivo três dimensões: a representação de estruturas de poder, que se refere às relações sociais, às experiências dos sujeitos vinculadas a sua disposição psicológica, e ainda aos espaços de sua vivência, este último em uma perspectiva geográfica. Rodó-de-Zárate (2013a) aponta que ao evidenciar exemplos em seu texto, mostra como é possível analisar categorias em que existem privilégios e opressões, sem que estas sejam compreendidas através de uma rigidez, mas em movimento. Assim, ao construir seus mapas, os sujeitos demonstram como as estruturas de poder variam de acordo com determinados espaços de suas vivências cotidianas.

Todavia, Rodó-de-Zárate (2013a) ressalta que, quando nós partimos dessa perspectiva de análise interseccional, o espaço é peça fundamental na compreensão do fenômeno analisado. Além de Zárate, McCall (2005) apresenta outros caminhos para analisar, de maneira interseccional, as pesquisas. Para a autora, há três caminhos metodológicos para analisar as categorias identitárias: *anticategorical complexity*, *intercategorical complexity*, e *intracategorical complexity*. A *anticategorical* é a desconstrução das categorias analíticas, afirmando que as mesmas são fluídas, complexas e forjadas, a partir de múltiplas determinações. Já a *intercategorical* é a dosagem que se faz referente às categorias que se quer capturar para analisar. Finalmente, a *intracategorical* é uma possibilidade intermediária entre o primeiro e o segundo caminho.

Em nosso caso, trabalharemos com a *intercategorical*, analisando as quatro categorias identitárias já mencionadas. Isso porque, ao fazermos o levantamento de campo empírico, notamos que esses elementos identitários eram mais evidenciados pelos sujeitos, não desmerecendo ou inferiorizando quaisquer outras categorias identitárias, pois entendemos que todas têm sua importância nas reflexões e nas discussões, sobretudo, na interseccionalidade. Para Rodó-de-Zárate (2013a), cabe ao contexto específico e ao tema fornecer ou adicionar mais estruturas, que tragam informações relevantes. Se isso não acontecer, devemos analisar outras categorias que possam contribuir.

Além disso, constatamos que a inserção de mais de cinco categorias



identitárias nos *Relief Maps* acabam prejudicando a análise dos resultados do levantamento, pelo fato de poluírem a representação, dificultando a sua análise. Por tais motivos, optamos por trabalhar com as quatro categorias identitárias. Estabelecido isso, passaremos a discutir sobre o desenvolvimento da construção dos *Relief Maps*, a partir das argumentações de sua criadora.

Para Rodó-de-Zárate (2013a), o desenvolvimento do *Relief Maps* foi elaborado com o objetivo de abordar uma pesquisa empírica do conceito de interseccionalidade. Sua elaboração é baseada nesse ponto de vista e o espaço passa a ser vital para analisar as relações de poder, isto é, como e quando as opressões são sofridas e/ou transgredidas. Esse conceito geográfico passa a ser peça chave para evidenciar, também, relações de privilégios nas vivências espaciais desses sujeitos. Segundo a autora, o *Relief Maps* é, simultaneamente, uma proposta metodológica e uma conceitualização do conceito de interseccionalidade, sendo uma representação visual que mostra diferentes experiências que as pessoas têm, de acordo com diferentes estruturas de poder.

A autora argumenta, ainda, que é preciso ter um olhar aguçado sobre a análise, com o propósito de tornar os dados sobre interseccionalidade compreensíveis, e salienta que a utilização do *Relief Maps* exige o acompanhamento de uma entrevista ou narrativa, para complementá-los e fazê-los compreensíveis, havendo uma coerência do que foi dito, representado e analisado. O primeiro processo que Rodó-de-Zárate (2013a) explica é o de deixar o entrevistado à vontade, com perguntas abertas sobre suas experiências espaciais cotidianas, como: Onde gosta de ir? Quais são seus itinerários? Por que gosta ou não deste local? Em seguida, realiza perguntas mais específicas sobre as experiências de cada local já mencionado pelo entrevistado, relacionando-os com as diferentes categorias identitárias.

Essas duas etapas resultam em duas tabelas diferentes: uma se refere às principais vivências espaciais cotidianas da pessoa, e outra, às significações que são dadas a esses locais, a partir de relações de poder e de diferentes identidades das pessoas. Segundo Rodó-de-Zárate (2013a), o *Relief Maps* contribui na construção teórica da interseccionalidade, uma vez que aplicamos essa ferramenta com os sujeitos. Os mesmos preenchem gráficos e tabelas, classificando os espaços (locais) entre opressão, controverso, neutro e de alívio. Estas tabelas também foram adaptadas, a partir daquilo que Rodó-de-Zárate (2013a) propõe.

A primeira tabela corresponde ao preenchimento dos espaços (locais) que a pessoa mais frequenta ou frequentou, como pode ser observado no Quadro 1. Já a segunda é o momento em que o sujeito vai classificar esses locais entre opressão, controverso, neutro ou de alívio, como mostra o Quadro 2. Por fim, o sujeito faz a construção do *Relief Maps* a partir de suas experiências e representações, tanto pela forma escrita, nas tabelas, quanto discursiva, pela entrevista. No entanto, para esse artigo e momento de discussão, não serão abordados os caminhos discursivos das entrevistas, mas sim, os resultados dos *Relief Maps*, individualmente, e a sua construção, a partir dos sujeitos entrevistados.

No Quadro 2, os indivíduos preenchem os principais locais de suas vivências cotidianas, apresentando suas experiências, segundo sua sexualidade, classe, idade e religiosidade, com palavras ou frases curtas, que significam

Mapeando as Experiências Espaciais de Homens Cis Gays: Das Situações de Opressão ao Alívio

situações de conforto ou desconforto e o porquê. A substituição da palavra “locais” por “espaços” se dá pelo fenômeno proposto nesta pesquisa, assim como a nossa formação teórica e profissional geográfica. Além disso, a palavra “local” foi utilizada, como um uso de linguagem comum aos sujeitos entrevistados, não subestimando suas formas intelectuais de compreensão ou de entendimento da palavra espaço, mas como uma tática de proporcionar um melhor entendimento do que foi proposto a eles.

A partir disso, vamos para o preenchimento do Quadro 2, e analisamos as experiências desses sujeitos, anteriormente escritas e faladas no Quadro 1. Feito isso, refletimos as vivências em que o sujeito irá classificar os locais: entre mal-estar ou opressão, controversos, neutros, e de bem-estar ou alívio. A classificação de espaços de opressão ou mal-estar é dada a partir de uma ou mais categorias identitárias, que causam desconfortos em determinados espaços de suas vivências, através das relações sociais. Já os controversos, seriam ao mesmo tempo compostos por relações de poder opressivos e de alívio, frente às diferentes categorias identitárias do sujeito. Os espaços neutros são aqueles que teriam certa neutralidade, ou que as relações sociais que constituem esses espaços não proporcionam situações de opressão, controversas ou de alívio, no tocante às categorias identitárias. Por fim, os espaços de alívio estariam conectados a situações de bem-estar, onde esses sujeitos se sentiriam totalmente ou em grande parte confortáveis, tanto pelas relações sociais, quanto por suas identidades.

Quadro 1 – Vivência Espacial Cotidiana

LOCAL	SEXUALIDADE	CLASSE	IDADE	RELIGIAO
Universidade	Muito desconfortável, se sente oprimido por colegas.	Desconfortável, queria ter mais dinheiro.	Confortável, entretanto não na universidade.	não possui religião, não tem problema.
Escola	Muito ruim, piadas e discriminação, desconfortável.	Desconfortável, heterosista.	não tinha problema.	Desconfortável, era em colégio católico.
Escola de música	Desconfortável, nós e os outros não nos damos bem.	Tranquilo em relação a isso.	Tranquilo em relação a isso.	Tranquilo em relação a isso.
Casa dos Pais	Desconfortável, julgamentos e opressão.	Desconfortável por ser dependente.	Desconfortável por ser dependente e não ter dinheiro.	não tem problema.
Espaços Públicos	não assumido, porém sem problemas.	sem problemas.	sem problemas.	sem problemas.

Fonte: Entrevista realizada com Pedro, no dia 03 de setembro de 2014, Ponta Grossa, Paraná. Organizador: Hanke (2016).

Quadro 2 – Significações Referentes aos Espaços

LOCAIS DE MAL-ESTAR	LOCAIS CONTROVERSOS	LOCAIS DE NEUTRALIDADE	LOCAIS DE BEM ESTAR
Escola			
Casa dos Pais			
	Universidade		
		Espaços Públicos	
			Escola de música

Fonte: Entrevista realizada com Pedro, no dia 03 de setembro de 2014, Ponta Grossa, Paraná. Organizador: Hanke (2016).

William Hanke, Marcio Jose Ornat, Maria Rodó-de-Zárate



Depois que os sujeitos preenchem as duas tabelas com as informações necessárias, a construção do *Relief Maps* fica mais clara e de melhor compreensão, para quem o está construindo. A elaboração tem início a partir da localização de pontos nos mapas relacionando suas identidades, espaços vivenciados e os sentimentos atribuídos a partir deles. Para Rodó-de-Zárate (2013a), a localização dos pontos corresponde à intensidade de significação que o sujeito atribui em cada categoria identitária, em relação ao espaço.

Os pontos localizados mais acima estariam relacionados a sentimentos e experiências mais desconfortáveis, enquanto que os pontos localizados mais abaixo estariam associados a experiências mais confortáveis. Assim como as linhas correspondem ao movimento ou à mobilidade das categorias identitárias, produzindo as formas de relevo, que determinam a classificação dos espaços entre opressão, em colinas, e alívio, em vales. Os *Relief Maps* são representações variadas, de acordo com as vivências socioespaciais das pessoas, mostrando as relações de poder experienciadas por esses sujeitos, a partir de suas identidades. As identidades foram significadas por diferentes cores, porém, as mesmas cores foram aplicadas em todos os *Relief Maps*. A cor verde corresponde à sexualidade, a vermelha à classe de renda, a azul à idade, e a cor roxa à religiosidade.

Cabe enfatizar, nesse momento, que cada *Relief Maps* é único, pois as experiências e as relações de cada pessoa são individuais. Por isso, o *Relief Maps* é, por excelência, uma ferramenta de análise interseccional individual e não para grupos e/ou coletivos. Ao mostrarmos como ocorre o processo metodológico na construção dos *Relief Maps*, evidenciamos, nesse momento, os primeiros resultados obtidos, de modo a analisar, individualmente, cada um dos oito *Relief Maps*. O primeiro *Relief Maps* corresponde à representação de Carlos.

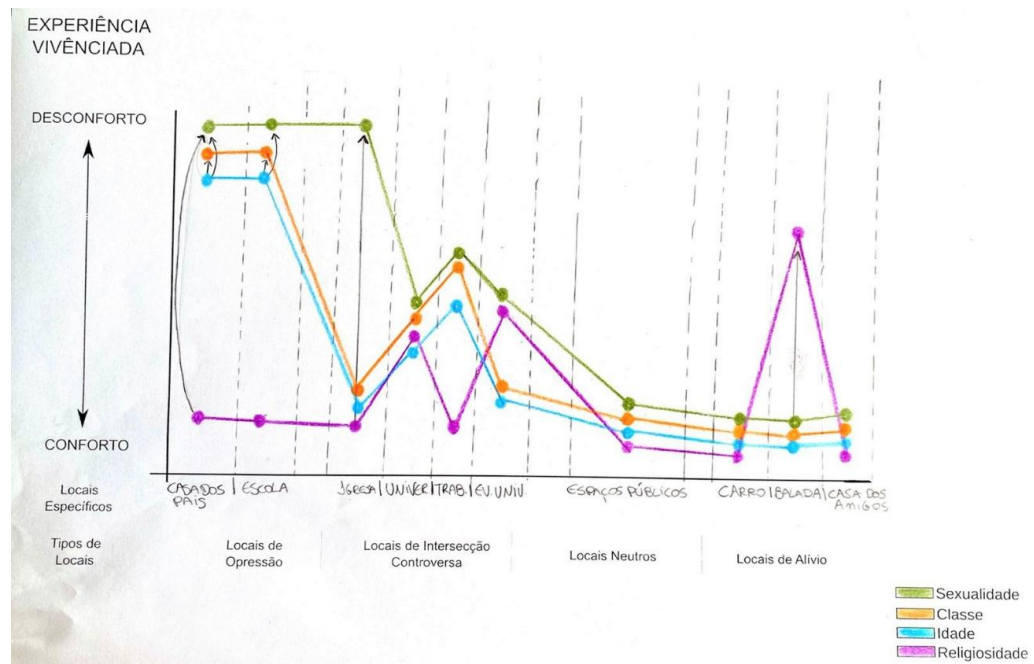
Relief Maps: Uma Ferramenta de Análise Interseccional

Carlos é um homem gay assumido, 24 anos, cursando o segundo curso superior, sendo este de medicina, é evangélico (muito participante), branco, de classe média, solteiro e mora com os pais. Segundo Carlos, a casa dos pais e a escola foram e são espaços de opressão, não apenas por sua sexualidade (cor verde), como também por outras categorias identitárias, como a classe (cor vermelha) e idade (cor azul). Para Carlos, a classe é de opressão, ao passo que ele não trabalha, pois é estudante e dependente financeiro da renda dos pais. Por depender da renda dos pais, Carlos se sente extremamente pressionado a conseguir um emprego e uma renda própria. Tais opressões fazem com que muitos *gays* tenham, em seus objetivos, a emancipação da casa dos pais, procurando a autonomia financeira o quanto antes.

Cabe salientar que, neste trabalho, o agrupamento de oito *gays* é, em sua maioria, de classe média e média baixa. No entanto, se trabalhássemos com homens cis gays pobres, as representações poderiam ser completamente diferentes, pois, como aponta Marsiaj (2003), a classe social afeta as relações sociais dessas pessoas e o uso comunitário dos espaços. Para o autor, a classe social pode afetar ainda as possibilidades de relações homoafetivas e de redes homosociais, ressaltando que isso não significa que homens cis gays de classe mais baixa de renda não tenham condições de encontrar ou conhecer pessoas da mesma orientação sexual. No entanto, a classe social interfere significativamente em suas vidas.

Mapeando as Experiências Espaciais de Homens Cis Gays: Das Situações de Opressão ao Alívio

Relief Maps 1 – Carlos



Fonte: Entrevista realizada com Carlos, no dia 15 de agosto de 2014, Ponta Grossa – PR.

Sobre a religiosidade (cor roxa), Carlos argumenta que ela acaba intensificando a opressão sobre sua homossexualidade na casa dos seus pais, pois seus pais também são evangélicos e têm uma vida religiosa ativa. Não queremos aqui fazer afirmações de que toda religião evangélica prega a opressão em relação às homossexualidades. Porém, na experiência de Carlos, os discursos que são pregados, referentes a sua homossexualidade, são de pecado, de estar errado e de não ser aceitável. Mesmo que algumas interpretações da Bíblia sejam mais comedidas. A Bíblia é homofóbica, pois o ódio está soletrado em Levítico e confirmado em Romanos e Coríntios, mas é a existência de perspectivas cristãs fundamentalistas que tem fomentado ainda mais ódio a essas pessoas.

Para Silva e Gil (2009), as práticas religiosas, nesse caso, a prática discursiva, podem construir formas de compreensão sobre o corpo e os comportamentos sociais das pessoas. Assim, se temos práticas discursivas religiosas nas igrejas, promovendo a exclusão e a recriminação sobre a homossexualidade, estas acabam sendo reproduzidas no âmbito familiar. Como visto, a religiosidade faz parte de nossa constituição de ser humano e de nossas identidades. No entanto, por fazer parte do que somos, a religiosidade não se separa desta constituição, em diferentes espaços que vivenciamos. Dessa maneira, a religiosidade constitui tanto as identidades, quanto as relações sociais dos espaços.

Além da religiosidade intensificar a opressão perante outra categoria identitária (sexualidade), temos também a idade intensificando a opressão, tanto na sexualidade, quanto na classe. A idade de Carlos intensifica a sua sexualidade, pois quanto mais velho, maior é a opressão e o sentimento de não pertencimento, na casa de seus pais. Do mesmo modo, a idade também intensifica a opressão sobre a classe. Quanto mais velho fica, maior é a

cobrança de seus pais para que tenha uma renda própria. Já no que se refere à escola, o entrevistado relata ter sido um espaço de total desconforto, pois a pouca idade na escola também causava desconfortos referentes ao respeito, tanto em relação aos profissionais que constituíam a escola, quanto aos alunos mais velhos que o provocavam e o agrediram, por ser mais fraco e menor.

A classe passava a ser desconfortável na escola, pois Carlos também não tinha renda própria, por ser estudante de ensino fundamental e médio e não trabalhar, ele dependia totalmente dos pais. A sexualidade na escola é interessante, pois Carlos argumenta que sabia que era diferente dos outros meninos. No entanto, não sabia e nem se identificava enquanto gay. Mesmo assim, sempre foi alvo de piadas e preconceitos por parte de colegas, sendo um espaço que ele mesmo denomina como traumatizante.

Percebe-se, no *Relief Maps* de Carlos, que a linha da sexualidade (verde) quase sempre está acima de todas as outras categorias identitárias, sendo a identidade mais oprimida. Já entre os espaços controversos, como a universidade, os eventos universitários, a igreja e o trabalho, destacamos esse último, pois esse espaço passa a ser compreendido como controverso. A sexualidade de Carlos é extremamente oprimida pelo pai e ele trabalha de forma informal em um empreendimento da família, onde as mesmas relações sociais de sua casa são restabelecidas. Entretanto, o mesmo espaço causa conforto referente à classe, ao passo em que tem uma renda própria para atender seus interesses pessoais.

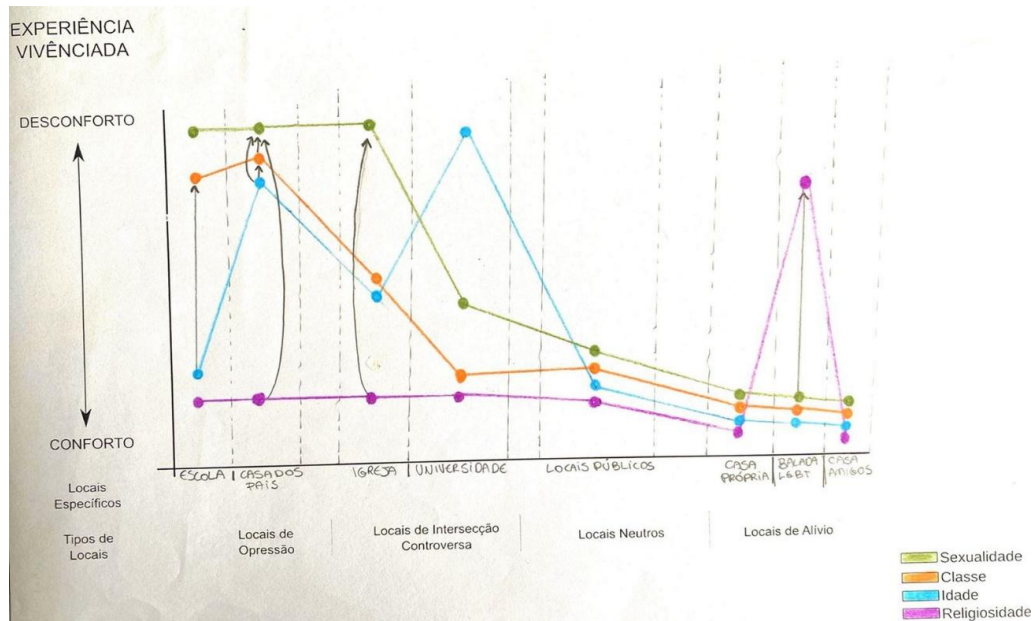
Os espaços que também chamaram nossa atenção foram os de alívio, em específico, o espaço carro nos instigou, pois esse pode ser entendido, ao mesmo tempo, como privado e público. Para Carlos, o espaço carro foi sua primeira oportunidade de liberdade, e é através dele que ele pode levar quem e ir aonde ele quiser. É um local de sigilo e comum de sua vivência. Outro espaço de alívio é a balada LGBTQIA+. Segundo o entrevistado, é um lugar que causa poucos desconfortos, exceto quando ele a relaciona com sua religiosidade. Para ele, sua religiosidade, nesse espaço, causa desconforto, por pregar ser um espaço errado e de perversão. Entretanto, ressalta que pouco pensa em sua religiosidade nesse espaço e, para não se sentir mal, acaba se esquecendo dela por algumas horas.

Já no segundo *Relief Maps*, temos Edson, que é negro, de classe média baixa, tem 28 anos de idade, mora sozinho, é mórmon e tem pouca participação religiosa. Na escola, ele argumenta ter tido desconfortos, por se sentir diferente dos demais colegas, mas que não compreendia o porquê. Já a sua idade é diferentemente compreendida. Para o entrevistado, a idade sempre foi uma identidade tranquila e ele não se lembra de ter tido alguma situação opressiva em relação a isso. Contudo, sabe-se que as relações que se estabelecem no espaço escolar têm muito a ver com a idade, pois o mais velho pressupõe uma relação de poder diante do mais novo. Muitas vezes, essa relação é justificada como demonstração de respeito para com o outro, como na relação professor(a) e aluno(a), ainda teríamos outras com alunos de idades diferentes, e assim por diante.



Mapeando as Experiências Espaciais de Homens Cis Gays: Das Situações de Opressão ao Alívio

Relief Maps 2 – Edson



Fonte: Entrevista realizada com Edson, no dia 21 de agosto de 2014, Ponta Grossa – PR.

A classe aparece em seu *Relief Maps* também como opressão, isso porque Edson argumenta que, por ter nascido em uma família muito grande e ser de classe média, não tinha condições financeiras como outros colegas, pois era bolsista de um colégio particular da cidade. A quantidade de pessoas de uma família permite fazermos associações com a categoria identitária classe. E, como aponta Rodó-de-Zárate (2013b), questões como a situação da família, o bairro onde vivem, e atividades desempenhadas em seu trabalho podem ser combinações destas variáveis e, por conseguinte, representar diferentes cruzamentos e experiências.

Tanto a igreja, quanto a universidade, são espaços controversos. Referente à igreja, vivenciada por Edson, temos os mesmos motivos de Carlos, as práticas discursivas que são feitas acerca da homossexualidade são de retenção e condenação. Mesmo que os dois tenham religiões diferentes e vivenciem espaços diferentes, as práticas heteronormativas que constituem esses espaços são semelhantes e opressivas. No caso de Edson, chegou a ser excomungado da igreja, quando assumiu ser gay, distanciando-se ainda mais dessa vivência espacial, que era rotineira. Ao variar as alternativas de outros espaços da vivência gay, percebemos que as mudanças também ocorrem nas relações sociais e nas identidades, pois, como ele comenta, é na universidade que a idade passa a ser mais expressiva e opressiva, comparando-se às outras categorias identitárias. A categoria idade, nesse espaço, é muito interessante, pois ela pode ser ao mesmo tempo de alívio e de opressão, dependendo do contexto em que a pessoa esteja.

Por exemplo, para Edson, sua idade foi de opressão, por ter entrado na universidade mais velho, com 25 anos de idade. Ele foi alvo de alguns colegas universitários mais novos, com perguntas e afirmativas de cunho opressivo, como: “Nossa, é a sua primeira universidade ainda? Por que você entrou tão tarde? Você já é velho, né!”. Essas formas discursivas estabelecem uma relação de poder entre as idades, na qual, nesse caso, o mais novo promove

William Hanke, Marcio Jose Ornat, Maria Rodó-de-Zárate

constrangimentos ao mais velho. Para aqueles que praticam essas formas discursivas pode ser apenas uma brincadeira ou curiosidade, mas para aqueles que as recebem, elas são extremamente opressivas, podendo levar até a desistência do curso.

Fonseca (2012) tem argumentado sobre os efeitos da piada, como ações que podem legitimar preconceitos. Para o autor, a piada passa a ser um discurso que é informal, que fomenta preconceitos, estereótipos e discriminações étnico-raciais, mas poderíamos dizer aqui, também sexuais e etárias. Assim, entendemos que uma simples brincadeira, como uma piada, pode não apenas alimentar as relações de poder, como também materializá-las em formas de 'brincadeiras'. Segundo Fonseca (2012), as piadas surgem e ganham vida em um universo engendrado pela produção cultural e histórica local, mas também surgem e ganham contextos específicos, geográfica e historicamente.

Assim, para os colegas de Edson, que eram mais novos e, em seus contextos, a idade mais nova passa a ser um privilégio na instituição, frente à relação entre colegas de sala de aula, enquanto que a pouca idade, em outra situação, como a de professores relativamente novos na universidade – e, entendamos que quando nos referimos à palavra “novos”, estamos nos referindo, em um duplo sentido, tanto em relação à idade, quanto à inserção na universidade – também podem perpassar por relações de poder. Professores mais velhos podem colocá-los à margem das relações em um departamento, como em cargos de pouca responsabilidade, salas com menores áreas, e assim por diante. Assim, algumas relações de poder se estabelecem de maneira tão naturalizada, que podem passar despercebidas em nosso cotidiano, como se fossemos disciplinados a elas. Transgredi-las acarretaria diversas sanções e situações de desconforto.

Percebe-se, no *Relief Maps* de Edson, que a casa própria e a casa dos amigos são espaços de alívio. No tocante à casa dos amigos, ele comenta o sentimento que tem sobre esse espaço específico, dizendo “se sentir ele mesmo”, sem precisar mentir ou esconder sua sexualidade, religiosidade, classe ou idade. Dessa forma, o entrevistado concentra todas as categorias identitárias na zona de conforto. Já, quando representa suas experiências na sua própria casa, ele se expressa dizendo que a sua casa própria é o melhor espaço de sua vivência, que define o sentimento de alívio, pois é lá que ele se sente totalmente livre.

Em um livro chamado *No Place like Home: relationships and family life among lesbian and gay men*, Carrington (1999) faz reflexões sobre a vivência familiar das casas próprias de gays e lésbicas, dizendo que não há nenhum lugar como a casa, referindo-se à casa própria deles. No livro, o autor problematiza desde os problemas enfrentados por um reconhecimento familiar, legal e cultural dessas pessoas, até como o espaço casa familiar passa a ser compreendido em uma lógica predominantemente heterossexual, centralizada na masculinidade, no poder econômico e na política.

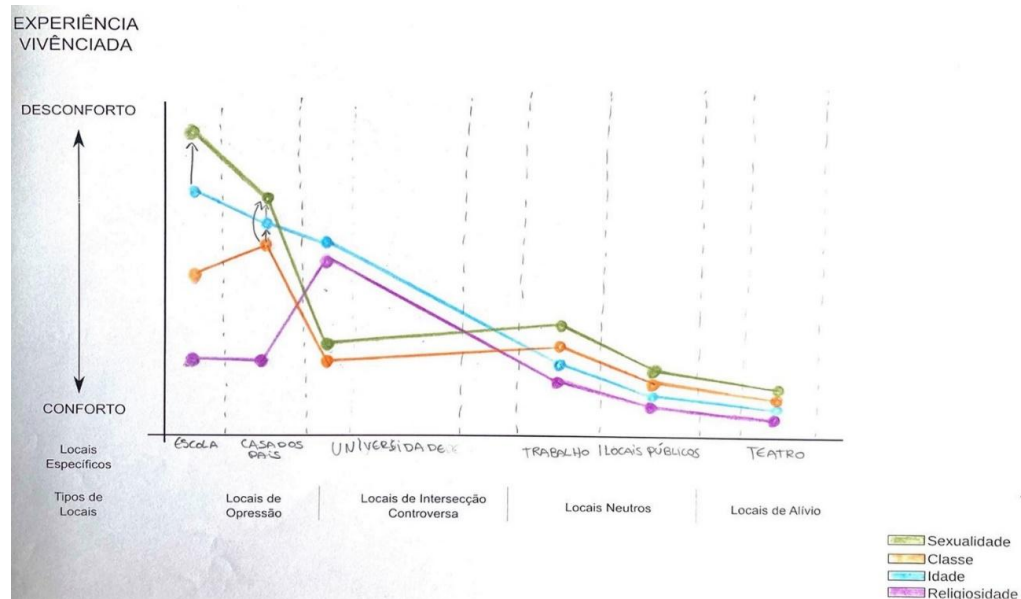
Para Carrington (1999), a homofobia e o heterossexismo são fatores que invisibilizam essas outras formas de família. Essas diferentes formas de relações de poder, que constituem um espaço denominado casa, faz com que a constituição de casa, para Edson, tenha uma subdivisão em três tipos: a casa própria, a casa dos pais e a casa dos amigos, como podemos observar na

Mapeando as Experiências Espaciais de Homens Cis Gays: Das Situações de Opressão ao Alívio

seqüência. Como visto nas discussões de Carrington (1999), a casa familiar é entendida pelo sujeito enquanto casa dos pais. Essa passa a ser rígida e organizada a partir de práticas heteronormativas. Tais motivos fizeram com que Edson se mudasse. No *Relief Maps* de número três, temos Jorge, que é assumidamente gay, branco, católico (nada participante), educador social e tem 30 anos de idade.

Jorge relata que, mesmo na escola não sendo assumido, sofria muito preconceito e isso lhe causava grandes desconfortos, não só pelo próprio preconceito que sofria, quanto também por suas posições de se negar a concordar com discursos de preconceito sobre outros gays. Sabendo que os espaços escolares na cidade de Ponta Grossa são constituídos por relações heteronormativas e práticas homofóbicas, como aponta Ornat, Santos e Hanke (2014), não é de se estranhar que todos os *Relief Maps* representem a escola enquanto um espaço de opressão acerca das sexualidades não heterossexuais. Já na casa dos pais, mesmo sofrendo certo desconforto por parte dos irmãos, ele relata ser assumido. Por morar com os pais, a classe social e a idade acabam lhe trazendo o sentimento de desconforto, motivos que ele expressa serem pessoais, pois mesmo seus pais sabendo de sua homossexualidade, a presença dele na casa é agradável. Apesar disso, comenta que, por já ter 30 anos de idade, gostaria de ter um espaço só para ele. Sobre a classe e sua relação com a casa dos pais, argumenta que essa categoria identitária incomodava, principalmente, quando ele não trabalhava e queria comprar objetos e não podia, relato muito próximo dos outros *Relief Maps*.

Relief Maps 3 – Jorge



Fonte: Entrevista realizada com Jorge, no dia 02 de setembro de 2014, Ponta Grossa - PR.

Do mesmo modo, a categoria idade, na universidade, estabelece uma conexão com a fala e a construção do *Relief Maps* de Edson. Pelo mesmo motivo, Jorge relata que sentiu certa opressão, por ter ingressado um pouco mais velho do que seus colegas universitários, causando certo desconforto diante de uma turma majoritariamente mais nova. Outra categoria que se destaca no mesmo espaço é a religiosidade, pois as angústias ante essa identidade é que o discurso que

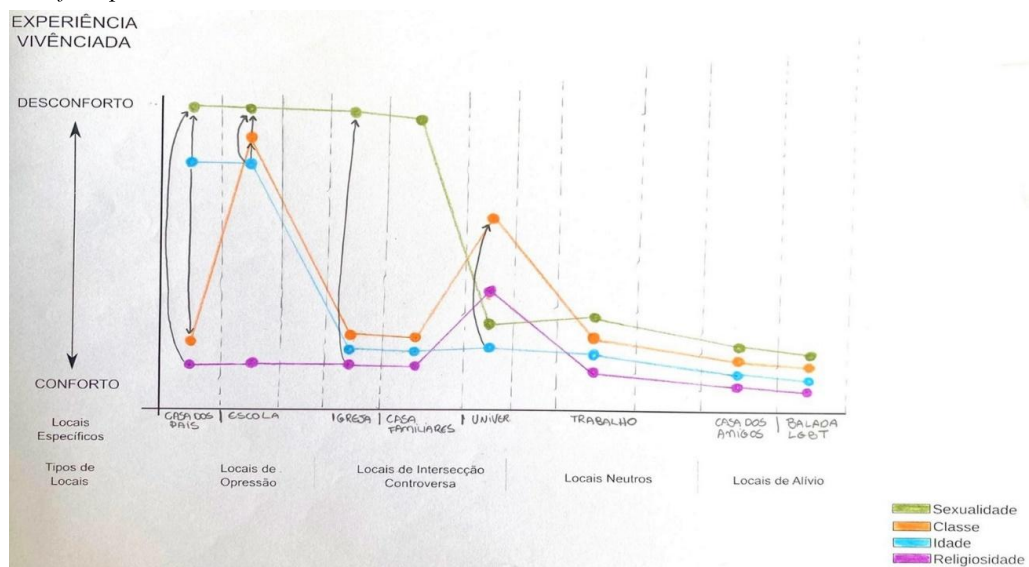
envolvia a religiosidade era exclusivo de uma única ideologia religiosa.

Para Jorge, os embates entre diferentes religiões eram pouco discutidos, o que para ele causava certos desconfortos, mesmo ele seguindo uma religião tida como predominante, a qual passou a ser hegemônica, nos discursos da universidade. Sobre sua sexualidade na universidade, Jorge relata ser algo bem tranquilo, teve apenas uma exceção: uma professora que era preconceituosa em todos os aspectos, mas, de modo geral, ele era respeitado. Ele explica que namorava um rapaz do mesmo curso e eles faziam várias coisas juntos, como tomar café e viajar juntos. Outro motivo que faz com que a sua sexualidade seja respeitada é o fato de ter feito um curso, no qual havia diálogos relacionados à diversidade social e, ainda aponta que pelo fato do curso ter maior incidência de pessoas orientadas para o mesmo sexo, isso passa a ser mais entendível pelos colegas.

Sobre os espaços neutros e de alívio do *Relief Maps* de Jorge, destaca-se o trabalho, por ser um espaço onde sua homossexualidade não é assumidamente declarada para todos os colegas, mas aqueles que sabem o tratam muito bem, sem qualquer discriminação, sendo um espaço de neutralidade nas suas identidades. O teatro passa a ser um espaço de total conforto, liberdade corporal e espiritual. Ainda diz que, por ter muitas pessoas homossexuais, faz com que ele se sinta muito bem, reafirmando que o espaço é constituído por múltiplas relações, formando o próprio espaço (MASSEY, 2008).

Ao questioná-lo sobre a idade no teatro, o entrevistado argumenta não sentir nenhum tipo de opressão, pelo contrário, ser mais velho é ter uma experiência adquirida e, por isso, a idade nesse espaço passa a ser de privilégio. As flechas feitas com lápis, nos *Relief Maps*, são formas de evidenciar as conexões, que as categorias identitárias têm umas com as outras, ora podendo intensificar, ora reduzir situações de opressão. Como é o caso de Junior, 21 anos de idade, branco, protestante pouco participativo e que trabalha como promotor de vendas. Em seu *Relief Maps*, essas conexões são visíveis, sobretudo, na casa dos pais.

Relief Maps 4 – Junior



Fonte: Entrevista realizada com Junior, no dia 15 de agosto de 2014, Ponta Grossa - PR.

William Hanke, Marcio Jose Ornat, Maria Rodó-de-Zárate

Para Junior, a categoria idade intensifica a opressão em relação a sua sexualidade, pois se considera muito novo para assumir sua homossexualidade nesse espaço. De modo oposto, a mesma categoria identitária da idade faz com que as opressões em vista de não ter uma renda (classe) reduzam, aproximando-se da zona de conforto ou de privilégio. Portanto, a idade passa a ser uma categoria muito interessante na vivência espacial gay, referente à casa dos pais e outros espaços, pois a pouca idade pode trazer privilégios e menos cobranças nas vivências e categorias identitárias, até mesmo referente as suas sexualidades.

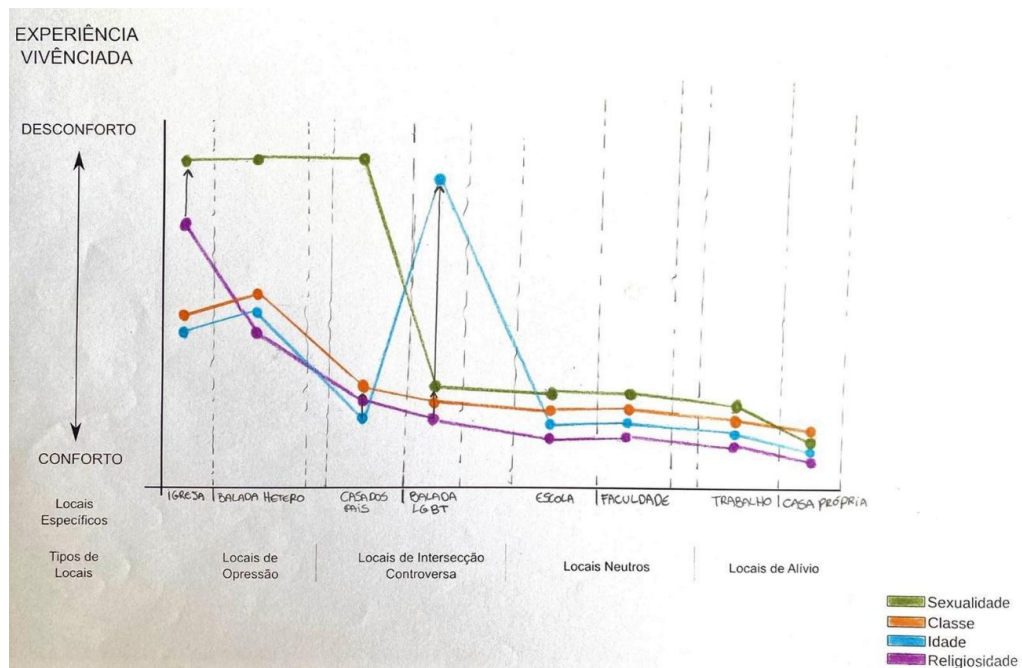
No entanto, poucos trabalhos têm desenvolvido essa categoria identitária, como aponta Hopkins e Pain (2007). Os autores argumentam que há certas disparidades entre as abordagens de categorias sociais, pois os trabalhos sobre as geografias da idade ainda são desproporcionais às cronologias sociais, indo do mais novo até o mais velho, e que, dificilmente, são conectados diretamente com outras categorias. Contudo, ressaltam que mudanças estão acontecendo e que há frequentes interesses de estudos sobre crianças e jovens, mas ainda limitadas, no que diz respeito a pessoas muito velhas.

Para os autores, o problema não é que os geógrafos tenham ignorado a fluidez da idade, mas que os primeiros dessa área tenham assentado seu olhar em grupos etários fixos e que essa base conceitual tem se estendido nos últimos quinze anos. A atenção sobre a vida de pessoas mais velhas tem sido muito pequena. Segundo os autores, a literatura sobre a velhice é minúscula, e algumas literaturas da gerontologia têm sido um mantra para os geógrafos. A idade pode ser compreendida enquanto um conceito que serve para referenciar a realidade do estudo de vidas. Contudo, as experiências e significados que damos à idade são resultado de processos históricos e culturais, diferenciando-se entre infância, juventude e, diríamos ainda, da velhice, por contextos sociais, culturais, políticos e espaciais.

Em diário de campo, evidenciamos que quanto maior a idade, maior é a opressão para ter emprego e uma autonomia. Isso se refere à classe de renda, não enquanto um conceito da sociologia, mas também a outras categorias, como a sexualidade (ter uma namorada), a qual indica uma opressão em assumir ou não a sexualidade na vivência gay. Diferentemente de Jorge e Edson, a categoria identitária de idade para Junior, na universidade, não foi opressiva, porque ele entrou com uma idade relativamente jovem (18 anos). Em contrapartida, a mesma categoria se relaciona com outra, classe, no mesmo espaço, intensificando-a enquanto um desconforto. Por ser jovem, por não possuir um emprego e nem uma renda própria, Junior mostra como as categorias identitárias se relacionam em determinados contextos sociais e espaciais dos sujeitos, diferentemente. A relação de opressão e alívio, a respeito da categoria idade, não é restrita apenas na universidade ou na casa dos pais. Como aponta o *Relief Maps 5*, de Marcelo, a idade passa também a ser opressiva na balada LGBTQIA+, porque quanto mais velho o gay é em uma balada, maior é a opressão por parte daqueles que a constituem.

Mapeando as Experiências Espaciais de Homens Cis Gays: Das Situações de Opressão ao Alívio

Relief Maps 5 – Marcelo



Fonte: Entrevista realizada com Marcelo, no dia 24 de maio de 2015, Ponta Grossa - PR.

Assim como Rodó-de-Zárate (2013b) aponta que o espaço urbano é organizado a partir de uma lógica entre hegemonias de gênero, raça e sexualidade, também compreendemos que as baladas LGBTQIA+ podem ser organizadas e direcionadas a partir da idade e para um público-alvo, isto é, para pessoas relativamente jovens. Como aponta Mota (2012), as práticas sexuais de gays velhos revelam um circuito gay caracterizado pela valorização da vida jovem e pelo individualismo. Para o autor, diante do estigma de ser gay e velho, pode-se examinar diferentes vivências relacionais e estilos de vida dessas pessoas, como também nas discussões de Paiva (2009). Segundo esse autor, há uma abjeção em relação ao corpo velho na homossexualidade, acompanhado de um silêncio a respeito dessas experiências, o que evidencia uma posição marginal dos homossexuais velhos, tanto na epistemologia, quanto nas discussões que envolvem sexualidades contemporâneas.

Tais relações de poder são exemplificadas no *Relief Maps* de número 5, do sujeito Marcelo, pois, mesmo tendo apenas 27 anos de idade, argumenta que se sente velho na balada, porque as pessoas que as vivenciam têm entre 18 e 22 anos de idade, corroborando com aquilo que Paiva (2009) e Mota (2012) argumentam sobre uma homossexualidade centralizada na juventude. Já sobre as outras categorias identitárias, nesse espaço em específico, ele argumenta serem indiferentes, e comenta que a sua sexualidade é confortável, pois essa identidade corresponde às práticas sociais desse espaço. A balada LGBTQIA+, passa a ser percebida por ele como um espaço totalmente livre, no exercício de práticas homoafetivas com seu parceiro, como beijá-lo e dançar junto dele. Sua sexualidade passa a ser entendida na balada LGBTQIA+ enquanto um privilégio, entre as relações sociais que a constitui.

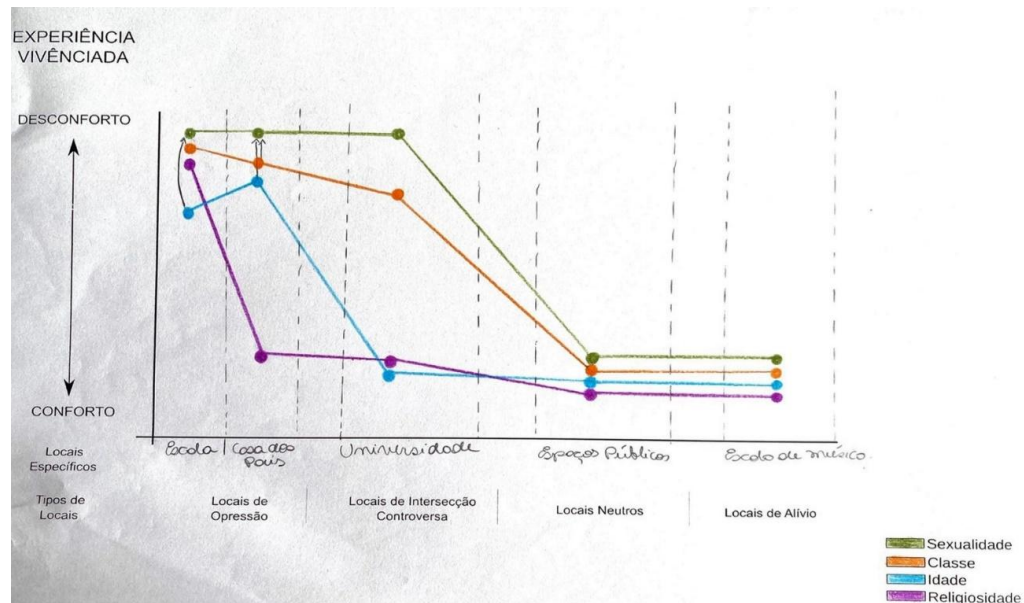
Marcelo fala sobre a balada heterossexual, que também vivencia. A balada heterossexual se assemelha à balada LGBTQIA+, no sentido que dá para a

Mapeando as Experiências Espaciais de Homens Cis Gays: Das Situações de Opressão ao Alívio

categoria identitária de idade. No entanto, esse espaço é percebido e concebido por ele, referente à sua sexualidade, como totalmente de opressão, mesmo quando está acompanhado de sua mãe, ou ainda de seu companheiro. O entrevistado relata que o sentimento de ir nessa balada, que é constituída predominantemente por pessoas heterossexuais, é de limitação de comportamentos e práticas homoafetivas, principalmente quando sua vivência é com seu companheiro. Sua sexualidade é totalmente privada, segundo ele. Mesmo as outras categorias identitárias sendo indiferentes para Marcelo no espaço balada, ainda assim, ele a classifica como opressiva.

Diferentemente de Marcelo, Pedro (*Relief Maps 6*) é um gay que não gosta de baladas, vivenciando pouco esse espaço. Pedro é um jovem de 19 anos, branco, estudante e ateu. Por não ter religiosidade, seu *Relief Maps* se diferencia dos demais, pois evidencia que as práticas religiosas podem ser totalmente convertidas em desconforto, quando não se é submisso a ela. De início, Pedro relata sua experiência na escola, um colégio particular e religioso, no qual fala ter tido muitos problemas, por ser adepto ao ateísmo.

Relief Maps 6 – Pedro



Fonte: Entrevista realizada com Pedro, no dia 3 de setembro de 2014, Ponta Grossa - PR.

A religiosidade, nesse caso, passa a ser uma relação de poder para Pedro, na medida em que é obrigado a fazer orações e a conviver com crenças de doutrinas impostas. Seu distanciamento de uma religião também está fortemente ligado à sua homossexualidade, pois ao presenciar constantes afirmações e julgamentos preconceituosos sobre diferentes sexualidades, inclusive a sua, ele relata ter tido muitos problemas psicológicos, na escola e em outros espaços.

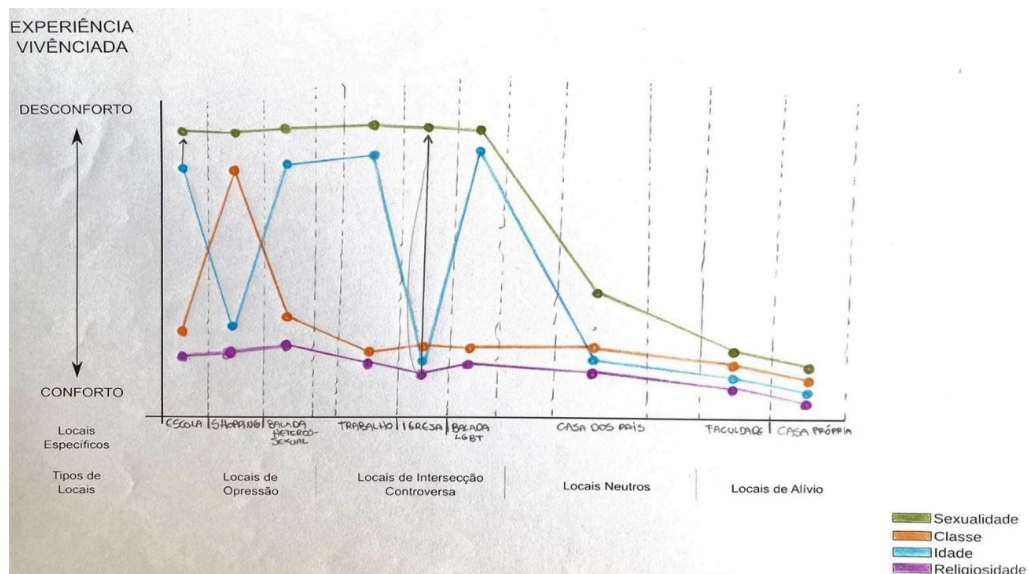
Sobre sua sexualidade desviante da heterossexualidade, Pedro relata ter experienciado muito preconceito na escola, como também vimos na maioria dos *Relief Maps* dos outros homens cis gays. Isso se repete na universidade e na casa dos pais, onde sua sexualidade é bloqueada por relações de poder nesses espaços. Na casa dos pais, essas relações se estabelecem, através de brigas, discussões e de frequentes cobranças. Já na universidade, as ações

Mapeando as Experiências Espaciais de Homens Cis Gays: Das Situações de Opressão ao Alívio

opressivas são através de preconceitos e olhares perversos de recriminação.

Do mesmo modo, a idade e a classe estão intimamente relacionadas ao desconforto na casa dos pais e na escola. Por ser uma pessoa relativamente nova, sem autonomia financeira, Pedro relata sofrer opressões nesses espaços (casa dos pais e escola), por ter essas identidades não correspondentes a primazia de suas relações. Diferente desses espaços, os locais públicos e a escola de música, para Pedro, passam a ser concebidos enquanto espaços de alívio e de neutralidade, onde encontra múltiplas pessoas, culturas e identidades, passando a gozar de um privilégio de ser mais um, sem que haja distinções a partir de sua sexualidade, idade, classe ou ausência de religiosidade. No *Relief Maps* de número 7, temos o sujeito denominado Rick, com 26 anos de idade, católico (pouco participante), pequeno empresário na área de comércio da cidade e de classe média.

Relief Maps 7 – Rick



Fonte: Entrevista realizada com Rick, no dia 6 de maio de 2015, Ponta Grossa – PR.

Rick compartilha das experiências de muitos dos sujeitos aqui analisados. Inicialmente, ele diferencia em seu mapa a balada LGBTQIA+ e a balada entendida como heterossexual. Enquanto a balada heterossexual está localizada como opressora, a balada LGBTQIA+ é apresentada como controversa. Isso porque, mesmo as duas causando desconforto referente à idade, uma delas traz conforto referente a sua sexualidade, no caso, a balada LGBTQIA+, corroborando com aquilo que Rodó-de-Zárate (2013b) argumenta sobre os resultados dos *Relief Maps*. Estes fornecem imagens das diferentes experiências vividas que as pessoas têm em lugares diferentes, variando de acordo com as diferentes relações de poder. Sobre os espaços de opressão de Rick, ainda temos a escola e o shopping. Ambos se referem à sexualidade e se diferenciam por oprimir outras categorias identitárias. No caso da escola, a idade é apresentada junto com a sexualidade, enquanto categorias identitárias de opressão. No entanto, quando o sujeito vai representar o *shopping*, há uma inversão em que a classe passa a ser mais oprimida e a idade mais confortável.

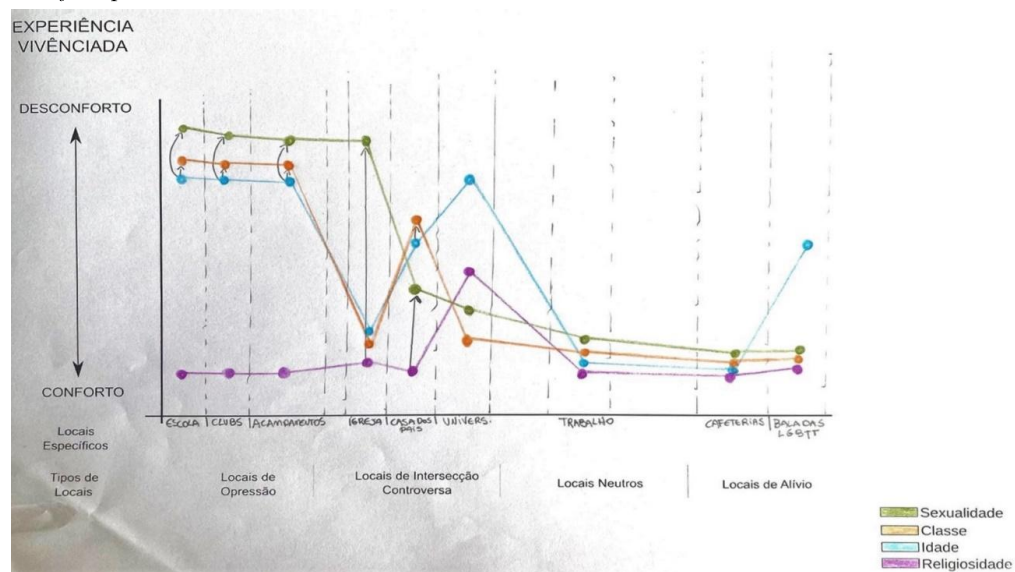
Rick revela que, na igreja, sua religiosidade e as práticas a partir dela fazem com que sua sexualidade seja oprimida nesse espaço, como podemos observar

Mapeando as Experiências Espaciais de Homens Cis Gays: Das Situações de Opressão ao Alívio

em seu mapa. Isso resulta diretamente na frequência, que passou a não ser tão cotidiana. Assim como Edson, a casa própria é a definição de alívio para esses sujeitos. Rick ainda relata que, mesmo tendo uma maior opressão sobre a classe de renda na sua casa própria, ainda assim, é de total conforto poder ter essa privacidade com seu companheiro, a qual ele não tinha na casa dos pais. Percebe-se que a categoria sexualidade sempre tem maior expressividade em relação à opressão no *Relief Maps* de Rick e nos demais, o que nos faz pensar que a vivência espacial desses sujeitos é organizada, principalmente, por espaços fundamentados em uma lógica heteronormativa, e que as outras categorias podem também ser de opressão ou, ainda, como meios de intensificar ou reduzir o efeito das relações de poder que se estabelecem frente às categorias identitárias, sobretudo, a sexualidade.

O último mapa é o de número 8 e foi construído por Thor. Ele é um gay assumido, tem 33 anos de idade, trabalha como vendedor, é evangélico (muito participante) e mora com os pais. Assim como na maioria dos mapas que foram apresentados, a escola foi um espaço de opressão para Thor, em grande parte das categorias que propusemos a analisar. Sobre sua sexualidade, ele comenta que sempre sofreu preconceito, desde muito cedo, mesmo que não se identificasse enquanto gay.

Relief Maps 8 – Thor



Fonte: Entrevista realizada com Thor, no dia 20 de julho de 2014, Ponta Grossa - PR.

Thor comenta que sabia que era diferente, entretanto, pensava que era por outros aspectos físicos, como a cor de seus cabelos pretos, em um espaço onde havia, predominantemente, pessoas de cabelos loiros. Da mesma forma, ele pensava que, por ter vindo de uma família de classe média baixa, sofria opressão dos colegas, filhos de fazendeiros, que tinham uma renda alta. Isso vai se estender a outras esferas espaciais, como os *clubs* e os acampamentos, mesmo esses dois espaços sendo constituídos, principalmente, por pessoas da igreja que ele vivencia. Os *clubs* e os acampamentos eram direcionados aos jovens da comunidade religiosa.

Por ser de uma classe de renda mais baixa, ser mais novo, e demonstrar uma sexualidade diferente da heterossexual, Thor acaba sendo oprimido por várias

relações de poder, por não corresponder às identidades hegemônicas que ali foram estabelecidas. A igreja, mesmo constituída pelos mesmos jovens dos *clubs* e acampamentos, passa a ser um espaço controverso, pois é constituída por pessoas mais velhas, que respeitam a classe e a idade de Thor, o que faz ele se sentir bem. Entretanto, os mesmos discursos sobre a homossexualidade, que os outros gays relataram sobre as outras igrejas, são denunciados pelo entrevistado e representados em seu mapa.

Thor argumenta que, por mais que algumas pessoas saibam de sua homossexualidade na igreja, não assume uma identidade gay nela. Para ele, isso passa a ser uma estratégia que ele utiliza para poder vivenciá-la. Mesmo assim, coloca a sua sexualidade como sendo opressiva nesse espaço, que é intensificado pela religiosidade. O *Relief Maps* dele colabora com nossas discussões sobre a idade, na medida em que ele vivencia experiências muito próximas as de Edson, Rick e Marcelo, pois, como apontado por eles e reiterado por Thor, a idade passa a ser desconfortável e opressiva, sobretudo na universidade, na balada LGBTQIA+ e na casa dos pais.

Considerações Finais

Como vimos, a constituição das relações sociais que se estabelecem em diferentes espaços constroem hegemonias identitárias. Na universidade, por exemplo, exigem cada vez mais pessoas jovens. Do mesmo modo, uma das relações de poder que constitui a casa dos pais é através da idade, onde esses sujeitos são cobrados sobre ter emprego e renda, com o passar dos anos, como também ter emancipação desse espaço, por motivos como a homossexualidade, que colabora com essa opressão. Ainda, a balada LGBTQIA+, mesmo sendo classificada pela maioria como um espaço de alívio, é também constituída por relações de poder. Sobre ela, a relação que foi mais evidenciada está relacionada, principalmente, à idade. Entretanto, poderíamos pensar em outros aspectos que podem constituir esse espaço como classe de renda, por exemplo, se analisássemos homens cis gays pobres e o seu acesso a esses espaços, encontrando espaços interditos a essas identidades marginais que, muitas vezes, são limitadas pela falta de dinheiro.

Cabe salientar, nesse momento final, que não é que essas pessoas não tenham condições de vivenciar espaços como as baladas, mas que, na maioria dos casos, seu acesso e a frequência nesses espaços pode ser relativamente interdita, de acordo com as relações sociais que as constituem, bem como valores de entradas e de produtos de consumo, com preços elevados para suas realidades. Outro fato está relacionado a como esses sujeitos se identificam e identificam outras pessoas gays. Para eles, isso está relacionado a vários fatores, como o jeito de se vestir, falar, andar, olhar, trejeitos femininos, comportamentos extremos de masculinidade, entre tantos outros exemplos citados por eles. Contudo, a definição mais genérica sobre o homem gay é um homem que se relaciona com outro homem, e que os comportamentos e as performances corporais dependerão de cada um. Porém, eles afirmam que, dependendo do comportamento e da performance corporal, podem sofrer mais ou menos opressão, pois isso está relacionado diretamente a como são lidos e interpretados, pelas relações sociais desses espaços.

Alguns dos entrevistados demonstram preocupações em aparentar ser gay, sobretudo em espaços públicos, tendo em vista os ataques recentes no país e no mundo. Já outros não se preocupam na transparência de sua sexualidade, tornando-a pública, o que demonstra, nos resultados, maior vulnerabilidade para situações de opressão e desconforto. Ao exercitarmos as construções dos *Relief Maps*, a partir da proposta de Rodó-de-Zárate (2013a) e analisar seus resultados, pudemos problematizar parte da realidade, enfrentada por esses sujeitos diariamente, em suas vidas rotineiras. Ainda, as experiências que foram contadas e representadas na pesquisa nos revelaram que alguns espaços, mesmo sendo localizados diferentemente uns dos outros, apresentaram relações de poder semelhantes perante determinadas identidades, como é o caso da sexualidade.

Referências

CARRINGTON, Christopher. **No Place Like Home**. Relationships and Family Life Among Lesbians and Gay Men. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.

CASTELLS. Manuel. A Construção da Identidade. *In*: CASTELLS. Manuel. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e terra, volume II, 1999, p. 1- 491.

CRENSHAW, Kimberle. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Womem of Colour. **Stanford Law Review**, v. 43, n. 6, p. p. 1241-1299, 1991.

FONSECA, Dagoberto José. **Você Conhece Aquela?** A piada, o riso e o racismo á brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I – A Vontade do Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 125.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Tradução Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 11ª ed. 1º reimpressão, 2011.

HOPKINS, Peter; PAIN, Rachel. Geographies of Age: thinking relationally. **Area**, v. 3, n. 39, p. 287 - 294, 2007.

IBGE. **CENSO DEMOGRÁFICO 2010**. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home>>. Acesso em 10 de junho 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Pensar a Sexualidade na Contemporaneidade**. Secretaria de Estado de Educação. Superintendência de Educação. Departamento de diversidade de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba: SEED - PR, 2009.

MARSIAJ, Juan Pereira. Gays Ricos e Bichas Pobres: desenvolvimento,

William Hanke, Marcio Jose Ornat, Maria Rodó-de-Zárate

desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil. **Cadernos AEL**, Homossexualidade, sociedade, movimento e lutas. Campinas: Unicamp, v. 10, n. 18/19, p. 129-145, 2003.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

McCALL, Leslie. The Complexity of Interseccionality. **Sings**. v. 30, n. 3, p. 1771-1800, 2005.

MOTA, Murilo Peixoto da. A Construção da Homossexualidade no Curso da Vida a partir da Lembrança de Gays Velhos. **Revista Bagoas**, Rio Grande do Norte, v. 6, n. 7, p. 199-222, 2012.

ORNAT, Marcio José; SANTOS, Adelaine Ellis Carbonar dos; HANKE, William. Espaço Escolar, Homofobia, Controle e Transgressão. In: SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS JUNIOR, Raimundo Elmo de Paula (Org.). Golpe de 1964. **História, Geopolítica e Educação**. 1 ed. Fortaleza: EDUECE, v. 1, 2014. p. 13-52.

PAIVA, Cristian. Corpos/Seres que não Importam? sobre homossexuais velhos. **Revista Bagoas**, v. 3, n. 4, p. 191-208, 2009.

RODÓ-DE-ZÁRATE, Maria. *Relief Maps*: developing Geographies of Intersectionality. **Gender, Place and Culture**, v. 21, n. 8, p.1-32, 2013a.

RODÓ-DE-ZÁRATE, Maria. Young Lesbians Negotiating Public Space: an intersectional approach through spaces. In: **Children's Geographies**, v. 13, n. 4, p. 413-434, 2013b.

RUDDICK, Susan. Constructing Differences in Public Spaces: Race, Class and Gender as Interlocking Systems. **Urban Geography**, v. 17, n. 2, p. 132-51, 1996.

SÁNCHEZ, Rosaura. On a Critical Realist Theory of Identity. In: ALCOFF, Linda Martín; HAMES-GARCÍA, Michael; MOHANTY, Satya P.; MOYA, Paula M. L. (Org.). **Identity Politics Reconsidered**. New York: Palgrave Macmillan, 2006. p. 31-52.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença**. A Perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p. 103 - 133.

SILVA, Alex Sandro; GIL FILHO, Sylvio Fausto. Geografia da Religião a Partir das Formas Simbólicas em Ernest Cassirer: Um Estudo da Igreja Internacional da Graça de Deus no Brasil. **Revista de Estudos da Religião**, v. 9, p. 73-91, 2009.

Mapeando as Experiências Espaciais de Homens Cis Gays: Das Situações de Opressão ao Alívio

SILVA, Joseli. M; SILVA, Maria das Graças. S. N. Introduzindo as Interseccionalidades como um Desafio para a Análise do Saber Geográfico. *In*: SILVA, Maria das Graças Silva Nascimento e SILVA, Joseli Maria. (Orgs.). **Interseccionalidades, Gênero e Sexualidades na Análise Espacial**. Ponta Grossa: Ed. Todapalavra, 2014. p. 17-35.

VALENTINE, Gill. Theroriging and Researching Interseccionality: A challenge for feminist Geogrphy. **The Professional Geographer**, v. 59, n. 1, p. 10-21, 2007.

WOODWARD, Katryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. 133 p.

Recebido em 07 de dezembro de 2017.

Aceito em 13 de setembro de 2018.

William Hanke, Marcio Jose Ornat, Maria Rodó-de-Zárate

